

MANIFESTAÇÕES DE VIOLÊNCIAS EM UMA ESCOLA ESTADUAL: O FENÔMENO *BULLYING*¹

Maria Bernadete Araújo Barbosa
UFS². e-mail: berna.barbosa@bol.com.br

Resumo:

O presente artigo aborda a questão da violência escolar. Para tanto foram aplicados questionários com alunos, professores e funcionários de uma escola pública da rede estadual de ensino, que atende estudantes dos níveis fundamental ao médio, procurando identificar características do fenômeno *bullying*, considerado pelos mais renomados autores como uma violência psicológica ou física, praticada principalmente no ambiente escolar. Inicialmente foi feito um estudo, em termos conceituais, inserindo a importância dos fundamentos teóricos de autores pesquisadores no assunto, tendo como referência bibliográfica mais destacada o livro “Fenômeno *Bullying*” de Cléo Fante.

Palavras - Chave: Violência, Agressividade, *Bullying*

Abstract:

This article addresses the issue of school violence. In order to that, questionnaires were circulated to students, faculty and staff of a public school in the state educational system, which serves students from elementary to high school, as an attempt to identify characteristics of the bullying phenomenon, considered by the most renowned authors as a kind of psychological or physical violence, committed especially in the school environment. A conceptual study was initially carried out, introducing the importance of the theoretical basis found among the authors researching on the subject, being the book “Fenômeno *Bullying*” by Cléo Fante the most extensively explored reference in the bibliography.

Key words: Violence, Aggressiveness, *Bullying*

1. Introdução

Este artigo teve como objetivo analisar as manifestações de violências em uma escola da rede pública estadual no município de São Cristóvão-Sergipe.

Conforme a abrangência da temática, pretendeu-se nesta pesquisa identificar características do *bullying*, já que é um fenômeno contemporâneo no Brasil e na maioria dos países do mundo, que vem ganhando grande repercussão na mídia nacional e internacional. A questão da violência escolar vem despertando grande interesse da sociedade em geral, pois ela atinge milhares de pessoas, principalmente crianças, adolescentes, professores e funcionários das instituições escolares.

Nossa fundamentação teórica é baseada em trabalhos de pesquisadores contemporâneos. Optamos pela pesquisa de campo para entender as percepções dos diversos atores do universo escolar: estudantes, professores e funcionários.

O texto foi organizado da seguinte forma: Inicialmente procuramos estudar e compreender as definições de vários autores para os termos violência e agressividade. Em seguida, fizemos uma análise do termo *bullying*, abordando definição, origem, características, causas e conseqüências, pois estas concepções nos ajudaram a entender as diversas formas de violência e agressividade dos alunos no cotidiano escolar.

Na metodologia focalizamos o contexto escolar, onde a pesquisa foi realizada, apresentando um breve comentário sobre a escola e o bairro em que ela está inserida e ressaltamos o público alvo que participou da nossa investigação. Por fim mostramos o resultado da pesquisa.

1.1. Definições dos termos Violência e Agressividade

A violência vem crescendo no mundo de um modo assustador. Nos noticiários predominam notícias de violências, as quais atingem emocionalmente a sociedade. As pessoas não conseguem andar tranquilas nas ruas, pois têm medo de assaltos, bala perdida e até mesmo de seqüestro; a insegurança é geral. A violência não é praticada somente nas ruas, ela pode ocorrer em diversos lugares, como no ambiente de trabalho, nos lares e até mesmo na escola. É preocupante o fato que na escola, ambiente educativo e formador de cidadãos críticos e reflexivos, haver tantas formas de violências.

Para entendermos as causas determinantes do comportamento agressivo ou violento dos estudantes é imprescindível conceituar os termos violência e agressividade (FANTE,

2005). Para esta pesquisadora “o significado da palavra violência se define a partir do seu contexto formador-social, econômico ou cultural, de acordo com o sistema de valores adotados por cada sociedade”. Como cada sociedade possui suas próprias leis, o conceito de violência varia entre elas. A autora ainda ressalta que os atos de violência e agressividade dos alunos, podem ocorrer de forma implícita ou velada, pois nem sempre são identificados pelos professores, casos de *bullying* e explícita quando as normas ou regras morais sociais são desrespeitadas, muitas vezes confundido como indisciplina dos alunos.

Outra classificação importante para o nosso trabalho é quanto ao grau, a violência pode ser simples, quando o agressor ataca a vítima, motivado por um desentendimento; e complexa ou freqüente, o ataque à vítima acontece com freqüência e sem motivos aparentes (*bullying*).

De acordo com o dicionário Aurélio a palavra violência é definida como “qualidade ou caráter de violento, ação violenta, ato ou efeito de violentar, opressão tirania: regime de violência, constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém”. Enquanto agressividade é definida como: “tendência a atacar, a provocar, forma de desequilíbrio psíquico que se traduz por uma hostilidade permanente diante de outrem”.

Segundo Freller (2001), a “agressividade é uma das necessidades do ser humano. Normalmente, os agressores escondem, disfarçam, desviam ou atribuem a agentes externos as suas tendências agressivas”.

Considerando, que uma pessoa agressiva é aquela que usa da agressividade para ferir ou machucar alguém, alguns pesquisadores classificam a violência e a agressividade como: verbal, aquela constituída por xingamentos e palavras que magoam e ferem a dignidade do ser humano; física, configurada pelo uso da força bruta, como murros, chutes, pontapés, tapas, empurrões e emocional ou psicológica, caracteriza-se pela rejeição, humilhação, discriminação, e o desrespeito.

Quanto aos fatores que determinam os comportamentos agressivos ou violentos dos alunos na escola são classificados em: internos e externos. São considerados internos: o clima escolar, que às vezes não é propício à aprendizagem, solidariedade e cooperação entre os alunos; a relação interpessoal entre os colegas e a relação professor-aluno, ou seja a forma como todos os protagonistas do universo escolar se relacionam entre si, e as práticas pedagógicas do professor, que muitas vezes constroem a violência escolar. Os externos, apesar de não fazerem parte da escola, têm grande influência sobre ela. São eles: o contexto social, os meios de comunicação e o contexto familiar.

Os grandes problemas atuais da sociedade estão relacionados com a pobreza e o desemprego, pois causam a desigualdade e a exclusão social, principalmente da infância e da juventude, favorecendo um ambiente de muitas dificuldades para as crianças e os jovens. Porém ressaltamos que a pobreza não é a causa da violência, apesar de que em algumas situações ela pode ter uma relação com esta.

Os meios de comunicação, que apesar de trazer muitos benefícios para a população, também oferece suas influências negativas sobre ela. A violência é apresentada em filmes, telenovelas, noticiários, jogos de videogame e de computador. A internet contribui para a proliferação do bullying no ambiente virtual, o que chamamos de *cyberbullying*.

A família é o agente principal da educação da criança. É ela que ajuda no desenvolvimento da personalidade, e na capacidade de enfrentar situações do cotidiano. Quando se é educado em um lar bem estruturado, onde haja participação positiva dos pais na vida dos filhos, o sujeito tende a construir uma personalidade segura, capaz de se adaptar as novas situações com equilíbrio emocional. “Portanto, o modelo educativo familiar será sempre o grande referencial na vida de cada indivíduo” (FANTE, 2005).

Diante do exposto, concluímos que violência e agressividade são termos polissêmicos, pois apresentam complexidade e diferentes sentidos. A agressividade é uma tendência humana, presente no nosso dia-a-dia e pode se manifestar quando um indivíduo sente necessidade de cometer um ato de violência contra outro. Nesta perspectiva, podemos sintetizar o conceito de violência na escola para o nosso trabalho, como condutas que podem causar danos físicos e emocionais irreparáveis aos alunos e que muitas vezes nem mesmo são consideradas como violências.

1.2. O fenômeno *Bullying*

1.2.1 – Origem e Definição do termo *Bullying*

A palavra *bullying* é originária do verbo de língua inglesa *to bully*, que significa maltratar. O termo surgiu na Grã-Bretanha para designar uma forma de crueldade que se dava na relação entre crianças e adolescentes. Ele é empregado em muitos países para definir “um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s) causando dor, angústia e sofrimento”(FANTE, 2005).

No campo epistemológico existem em diversos países outras formas para designar o termo *bullying*, por exemplo: *Mobbing* é empregado na Noruega e Dinamarca; *Mobbning*, na

Suécia e Filândia; *Prepotenza* ou *Bullismo* na Itália; *Agressionen Unter Shülern*, na Alemanha; *Acaso y Amenaza Entre Escolares*, na Espanha; Maus-Tratos Entre Pares, em Portugal. O termo *Bullying* é usado no Brasil e na maioria dos países, sendo utilizado para designar o indivíduo que adota suas estratégias para impor sua autoridade e manter suas vítimas sob domínio. Os agressores também são chamados de *bullies*, estão presentes nos mais diversos contextos sociais: na família, na escola e no trabalho.

Na década de 1970 na Suécia e na Dinamarca, iniciaram-se os estudos sobre o *bullying*. Em 1980, Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Berger, Noruega desenvolveu grande pesquisa, com o objetivo de avaliar as taxas de ocorrência e as formas pelas quais o *bullying* se apresentava na vida escolar das crianças e dos adolescentes de seu país. Daí houve a expansão desses estudos para diversos países da Europa, chegando ao Brasil no fim dos anos 90 e início de 2000. Os pesquisadores se interessaram pelo assunto devido ao aumento de suicídio de estudantes na Europa. Buscando as causas encontraram entre elas os maus-tratos praticados pelos companheiros da escola. Constatamos então, que este fenômeno tem sido objeto de estudo recente, apesar de já existir há bastante tempo. Portanto, “o *bullying* é um fenômeno tão antigo quanto a própria instituição denominada escola” (SILVA, 2010, p.111).

O *bullying* é um fenômeno universal encontrado em toda e qualquer escola, não estando restrito a nenhum tipo específico de instituição: primária, secundária ou nível superior, pública ou privada, rural ou urbana. Chamamos à atenção para o trote universitário, por ser um ato isolado não é considerado *bullying* escolar, mas pode originar essa prática quando os atos inadequados persistem.

Sabendo que apesar de existirem várias formas de definir o referido termo, os diversos autores convergem para um só ponto, que é a incapacidade da vítima se defender, pela existência de um desequilíbrio de poder, onde o mais forte exerce um domínio sobre o mais fraco. Temos ainda de levar em consideração mais dois critérios básicos para identificar as condutas *bullying* e diferenciá-las de outras formas de violência e das brincadeiras da idade, que são: ações repetitivas contra a mesma vítima num período prolongado de tempo, podendo variar de duas ou mais vezes no ano letivo e a ausência de motivos que justifiquem os ataques.

As ações compreendidas como atos de *bullying* são: apelidar, ofender, humilhar, intimidar, discriminar, amedrontar, perseguir, isolar, assediar, difamar, quebrar, ferir, furtar, roubar pertences etc. Os tipos de maus-tratos são: físico, verbal, moral, sexual, psicológico,

material e até virtual (*cyberbullying*). Os protagonistas do *bullying* são classificados em: vítimas típicas e provocadoras, os agressores e os espectadores.

As vítimas típicas apenas sofrem a agressão, geralmente são mais frágeis que o agressor, tímidas, depressivas, inseguras, não solicitam ajuda, apresentam baixo desempenho escolar, muitas vezes não querem ir à escola, chegando ao ponto de trocá-la ou evadir-se da mesma. Vítimas provocadoras são as chamadas vítimas/agressoras, pois sofrem e praticam agressões ao mesmo tempo. Podem ser hiperativas, inquietas, dispersivas e ofensoras.

Os agressores (*bullies*) são pessoas que praticam o *bullying*, geralmente pertencem a famílias desestruturadas, nas quais há pouco relacionamento afetivo entre seus membros e acabam reproduzindo os maus-tratos sofridos. Eles utilizam a força física para aterrorizar os mais fracos e indefesos e várias formas de agressões como: uso de palavras pejorativas, ameaças, insultos e outras formas de ataques, inclusive os físicos. Para manter esses comportamentos violentos, os alunos agressores necessitam do medo, da fragilidade de suas vítimas, como também do silêncio dos que estão ao seu redor.

As testemunhas ou espectadores representam a maioria dos alunos de uma escola. Eles não sofrem e nem praticam *bullying*, mas convivem com a violência e se calam em razão do temor de se tornarem as “próximas vítimas”. Muitos espectadores recriminam as ações dos agressores, mas nada fazem para intervir. Outros os apoiam e incentivam, se divertindo com as agressões.

1.2.2 - Causas e Consequências do *Bullying*

Este fenômeno pode causar desde simples problemas de aprendizagem até sérios transtornos de comportamentos como o suicídio, lesões corporais graves e até mesmo a homicídios.

As correntes filosóficas, psicológicas, antropológicas e pedagógicas estão desenvolvendo inúmeros estudos na tentativa de compreender esse fenômeno e apontam as seguintes causas para a ocorrência do *bullying*: carência afetiva; ausência de limites; afirmação dos pais sobre os filhos através de maus-tratos e explosões emocionais violentas; crianças expostas às cenas de violências exibidas pelos diversos meios de comunicação; competições existentes na sociedade, gerando o individualismo; a crise ou ausência de modelos educativos baseados em valores humanos. Esses aspectos incentivam o comportamento violento do jovem.

O *bullying* traz consequências negativas para a sociedade. Todos sofrem, principalmente a vítima, que por medo adotam a “lei do silêncio”, podendo sentir os efeitos do seu sofrimento por toda vida. Ela desenvolve atitude de insegurança, dificuldade de relacionamento, tornando-se uma pessoa insegura, inútil e indefesa aos ataques. Pode desenvolver quadro de neuroses, como fobia social, fobia escolar e em casos mais graves, psicoses, com tendência à depressão, ao suicídio e ao homicídio.

O agressor levará para a vida adulta o mesmo comportamento anti-social, adotando atitudes agressivas no seio familiar (violência doméstica) ou no ambiente de trabalho. É fechado à efetividade e tende à delinquência e à criminalidade.

Quanto às testemunhas, também adotam a “lei do silêncio” e se vêem afetadas por esse ambiente de tensão, tornando-se inseguras e temerosas de que possam vir a se tornar as próximas vítimas. Neste grupo se enquadram alguns alunos que não participam dos ataques, mas manifestam apoio ao agressor e ainda segundo a autora Ana Beatriz, “aqueles que ao presenciarem estes atos, estão propensos a sofrer as consequências psíquicas, uma vez que suas estruturas psicológicas também são frágeis”.

2. Metodologia

A pesquisa foi realizada na escola estadual da rede pública do estado de Sergipe, no município de São Cristóvão, bairro Rosa Elze.

A análise partiu de um levantamento de dados, através de questionários aplicados na comunidade escolar e apoiada nas obras de estudiosos deste tema. Foram utilizadas as duas formas de análise: a quantitativa e a qualitativa.

Os dados quantitativos foram analisados através da técnica de análise percentual simples. Os dados qualitativos através do estudo do conteúdo das perguntas abertas, utilizando nomes fictícios, para preservar a integridade dos atores sociais envolvidos.

A seguir fizemos um breve histórico do bairro e da referida escola, para situar e envolver o leitor no ambiente, onde foi realizada a investigação.

2.1 – O Bairro Rosa Elze

Num estudo sobre o bairro foi constatado que ele nasceu da divisão de lotes de terras vendidos a população a um preço acessível para pessoas de baixa renda, pela “Empresa

SEREP Empreendimentos, na área da antiga Fazenda Santa Cruz localizada na margem direita do rio Poxim”. Essa área faz parte da região denominada Grande Aracaju, no município de São Cristóvão.

Somente a partir de 1981, com a construção e inauguração do Campus Universitário da UFS, essa nova área ganhou estímulo para sua expansão. O bairro Rosa Elze, assim foi habitado, sem as devidas infra-estruturas, como pavimentação, saneamento básico, sistema de transporte. De acordo com Campos (2009) “efetivamente o que ocorreu foi a transformação de uma área rural em uma área urbana sem a anuência da administração municipal.”

Aos poucos a comunidade foi ganhando espaço e formando casas habitacionais e um pequeno comércio. Hoje, de acordo com suas características possui um razoável progresso, pois consta com a maioria das ruas pavimentadas, embora precise de mais atenção das autoridades competentes. Existem no bairro *lan house*, restaurantes, padarias, pequenas lojas, escolas particulares, municipais e estaduais de ensino.

2.2 – A Escola

A Escola, onde foi desenvolvida a pesquisa pertence à rede pública estadual de ensino, situa-se no município de São Cristóvão, que faz parte da região metropolitana da grande Aracaju. Em relação ao seu aspecto físico, como a maioria das escolas localizadas em bairros de comunidades carentes, apresenta problemas de infra-estrutura e precisa de reformas.

Foi selecionada com base nos seguintes critérios: um deles fora estabelecido em função dos objetivos da pesquisa, que seria escolher trabalhar em uma escola pública pertencente a uma determinada comunidade; por já ter sido taxada como uma escola de alunos agressivos, devido a sua localização; e finalmente por ser a única estadual do bairro que atende uma população das primeiras séries do ensino fundamental ao ensino médio, com proximidade da Universidade Federal de Sergipe, o que nos permite conhecer melhor a comunidade, onde a Universidade está inserida.

Segundo Lima (2006), a referida escola foi construída devido a um acordo feito entre a Universidade Federal de Sergipe com uma empresa de empreendimentos imobiliários. Esta empresa na época da negociação com a Universidade doou uma parte do terreno onde seria construído o Campus, com o compromisso de que o Estado construísse uma escola para a comunidade. A escola foi inaugurada em 1977, ampliada em 1980 e recebeu trabalhos de recuperação em 1988.

Hoje a escola consta com 49 professores, 28 funcionários, 03 coordenadores e atende uma população de cerca de 1.000 alunos, distribuídos nos turnos manhã, tarde e noite.

O espaço físico da referida escola é constituído por: sala da Diretoria, Secretaria, sala da Coordenação, sala dos Professores, almoxarifado, cozinha, banheiros masculinos e femininos, 13 salas de aula, a Biblioteca Machado de Assis e uma sala de recreio dirigido Airton Sena.

3. Resultado da Pesquisa

O universo da pesquisa foi composto por 110 alunos, 10 professores e 10 funcionários. Os alunos estão regularmente matriculados nas 5ª e 8ª séries, do turno vespertino, com faixa etária compreendida entre 09 e 15 anos de idade, numa média de 12 anos, sendo que 68,2% estão entre 09 e 12 anos e 31,8% estão entre 13 e 15 anos. Em relação ao sexo temos 58,2% do sexo feminino e 41,8% do sexo masculino.

A pesquisa apontou que 61% dos alunos foram vítimas de condutas violentas na escola. As condutas que mais incidiram foram respectivamente, empurrões, puxões de cabelo, murros, tapas, chutes, socos e pontapés, seguidas de xingamentos referentes aos familiares da vítima, como o pai ou a mãe, provocando um clima de grande irritação por parte da mesma; apelidos pejorativos; discriminações e ameaças. Dessa forma, 55% dos maus tratos foram atribuídas às agressões físicas, 35,1% às agressões verbais, 5% discriminações e 4% para as ameaças.

Consideramos este dado relevante, pois enquanto em vários estudos de pesquisadores, os índices de agressões verbais sempre superam as agressões físicas, vimos acontecer o inverso na nossa investigação, ou seja as formas mais recentes de violência escolar mudam de acordo com os diferentes contextos.

Foi constatado que as agressões são praticadas com maior incidência no pátio durante o recreio (44%), em segundo lugar na sala de aula (42%), quadra (4%), banheiro e cozinha (1%). Constatou-se também, que 6% das agressões ocorrem nas imediações da escola, o que justifica o temor dos alunos de serem vítimas das agressões, tanto ao chegar e sair do ambiente escolar.

Quanto aos agressores, verificamos que 64,7% dos estudantes são meninos, que agem sozinhos ou em grupos, sendo que a maioria estuda na mesma sala de aula das vítimas. As

meninas tiveram uma participação de 27%, agindo individualmente ou em grupos. Vejamos o depoimento de uma aluna:

Minha amiga já sofreu em brigas com outras meninas e no final da história ela teve que abandonar a escola (sic). (Ruth, 13 anos, 6ª série)

A porcentagem de meninas envolvidas nos casos de violência na escola nos chama a atenção, pelo fato de que esse fenômeno, que antes era associado ao comportamento masculino, vem ganhando espaço entre as meninas. Observamos, que elas estão copiando as condutas agressivas dos meninos para também ganharem poder social, na escola e na comunidade. Fontes recentes da mídia indicam que vem crescendo o número de vítimas feitas pelas meninas, através do uso da internet e do celular.

Outro dado importante detectado neste estudo foi que, 70% dos estudantes não comunicam à direção da escola ou contam aos familiares as situações de violências, nas quais foram vítimas.

A seguir ressaltamos alguns depoimentos dos estudantes:

Porque fiquei com medo do agressor (sic). (Thiago, 12 anos, Ana, 13 anos, 5ª e 6ª séries)

Se contar para alguém fico sem amiga(sic). (Raquel, 12 anos, 6ª série)

Porque ele é mais forte do que eu(sic). (Isabel, 13 anos e Josué, 12 anos, 6ª série)

Porque eles disseram que iam me matar(sic). (Ananias, 12 anos, 5ª série)

Isso ratifica o que outras pesquisas já haviam revelado: as vítimas não comentam as agressões sofridas, pois ficam com medo dos seus agressores, por serem geralmente mais fortes fisicamente do que elas. Os agressores, que podem ser até mesmo o melhor amigo da vítima, procuram ameaçar e persuadi-las a permanecer em silêncio, a fim de continuar manipulando e se divertindo com suas perseguições.

Entre as vítimas que comunicaram as agressões sofridas, 33% procuraram a professora e 24% contaram o ocorrido para suas mães. As medidas adotadas foram: as mães deram conselhos para que as filhas se afastassem dos agressores, pois elas acreditavam que dessa forma cessariam as agressões; os professores e funcionários adotam as providências encaminhando os agressores para a coordenação ou direção, conforme cada caso.

Apesar das preocupações e conselhos dados pelos pais e equipe pedagógica, os casos de violência escolar continuam se repetindo e aumentando significativamente.

Merece destaque o relato da aluna quanto a medida tomada certo dia por uma das coordenadoras, a qual chamou o agressor para um diálogo:

A coordenadora levou o menino para a sala dela e ficou conversando com ele(sic). (Madalena, 12 anos, 6ª série)

Constatamos que essa foi uma medida bem adotada, pois “o diálogo é uma exigência existencial” (FREIRE, 2005). Ele não pode se reduzir a simples troca ou atos de depositar idéias de um indivíduo ao outros, mas sim a forma de também ouvir o próximo. Desse modo o saber dialogar leva as pessoas a reflexão e ao agir, de modo que o mundo possa ser transformado e humanizado.

Quando perguntados se já haviam presenciado situações de violência na escola, 45,5% dos jovens responderam que sim. No entanto todos foram unânimes em afirmar que não interferiram nas situações.

Trazemos aqui alguns depoimentos dos jovens que presenciaram casos de violências no contexto escolar, sendo considerados como espectadores:

Sempre, porque tem os meninos e gostam de bater nos menores no recreio, na fila do lanche(sic). (Salette, 12 anos, 5ª série).
 Porque quando a sala está sem professor ficam jogando papel nos outros(sic). (Sara, 12 anos, 5ª série).
 Ela vinha correndo e o menino cortou ela(sic). (Ana, 10 anos, 5ª série).
 Não sei o motivo, só sei que ele apanhou de tudo(sic). (Thiago, 12 anos, 5ª série).

Muitos alunos que responderam esta questão narraram um episódio ocorrido na escola. Este caso teve repercussão na imprensa, dando ênfase no noticiário SE Notícias, jornal transmitido na TV Globo, do dia 03/12/2009:

Vi um colega sendo esfaqueado na saída da escola(sic). (Raquel, 15 anos, 8ª série).
 Até facada já vi colegas dar nos outros(sic). (Paulo, 14 anos, 8ª série)
 Em 2009 um menino levou uma facada disseram não sei que as cozinheiras estavam olhando, mas eu não sei mais de nada porque eu estava na sala de aula(sic). (Maria, 13 anos, 5ª série).
 Por causa de 1 real o menino pegou a faca para brigar com outro menino(sic). (Judite, 12 anos, 5ª série).
 Ele estava brigando e o outro deu uma facada nele. Não aconteceu nada o menino que deu a facada não apareceu mais(sic). (Eva, 11 anos, 5ª série).

Vale ressaltar, diante desse fato, que houve temor de alguns estudantes ao narrar este ocorrido, quanto aos professores e funcionários falaram da necessidade de medidas preventivas de combate para estas situações.

E para finalizar o questionário dos alunos, 20,9% deles afirmaram ter agredido o colega. Eles alegam retribuir a agressão contra aqueles que xingam e desrespeitam seus genitores, pois os pais representam muito em suas vidas e merecem ser honrados.

Briguei na sala com o colega, bati nele, porque ele falou da minha mãe(sic). (Moisés, 14 anos, 5ª série).

Porque xingaram meu pai e quase eu matava este menino, se eu ver ele de novo acabo com ele. Nunca xingue meu pai porque quem xingar estar morto(sic). (Marcos, 12 anos, 5ª série).

Entre os professores e funcionários, os quais chamaremos equipe pedagógica, 20 aceitaram responder nosso questionário, dentre eles quatro são homens e dezesseis mulheres. Todos afirmaram perceber casos de violências entre os estudantes na escola.

Segundo eles o local onde acontecem condutas violentas são o pátio do recreio, seguido da sala de aula. A equipe pedagógica afirmou que a violência verbal é a forma mais praticada entre os alunos, seguida pela violência física.

Quando questionados se já sofreram algum tipo de violência praticada pelos alunos, somente cinco deles responderam positivamente. Vejamos o seguinte depoimento:

Em certa ocasião uma aluna rasgou sua folha de prova (já corrigida) em diversos pedaços e os arremessou em meu rosto (ela não estava satisfeita com a nota que obteve(sic) (Professora).

A questão acima está relacionada às práticas pedagógicas da escola, que são baseadas na competição, na avaliação e nas regras, causando muitas frustrações aos alunos, que chegam a agredir seus mestres. Ressaltamos que “muitos educadores não são preparados para lidar com os conflitos existentes na sala de aula gerados pelo próprio sistema de ensino, às vezes agem fazendo com que sua atitude aumente involuntariamente a ocorrência de problemas” (BEAUDOIN e TAYLOR, 2008, p. 75).

Ainda, diante desta questão a equipe pedagógica acredita que o professor, à medida que não cumpre seu verdadeiro papel de educador, ou seja, não respeita opiniões, é preconceituoso, tem preferências por algum aluno, não tenta dialogar e abusa da sua autoridade na sala de aula, estará assim, contribuindo para que haja violência na escola.

Em relação às causas determinantes do comportamento agressivo dos estudantes, os professores e funcionários foram unânimes em acreditar que o contexto familiar é o principal agente responsável pelo comportamento agressivo do aluno. Um dos funcionários fez o seguinte depoimento:

A educação no lar, sendo muitas vezes que os pais jogam a inteira responsabilidade de educar os filhos para a escola, não impondo limites aos filhos em casa.(sic). (funcionário)

É comum no discurso dos profissionais da educação criticar a influência da família diante dos conflitos gerados pelos comportamentos agressivos e violentos dos alunos, já os pais criticam a atuação da escola e do seu papel na prevenção da violência escolar. Neste jogo de empurra fica evidente que, não só professores e pais, mas todos nós que formamos

uma sociedade, somos responsáveis pela educação das nossas crianças. Segundo a autora Ana Beatriz, educar é confrontar os meninos com as regras e os limites, além de fornecer-lhes condições para que possam aprender a tolerar e enfrentar as frustrações do cotidiano. Os limites “são regras de conduta, que devem ser passadas às crianças desde tenra idade. Eles mostram às crianças o que podem e o que não podem fazer. Ensinam, também, como respeitar o próximo, facilitando a socialização”. (EVILÁZIO TOMBOSI, 2002).

Passemos a seguir, ao exame de uma das diversas informações sugeridas, com vistas a reduzir a violência escolar, empreendidas pela equipe pedagógica:

Promover projetos de dança, música, teatro, que estimule a participação, principalmente daqueles problemáticos(sic). (professor).

Os professores devem trabalhar o tema violência em sala de aula e debater com os alunos notícias sobre o assunto. Cabe a escola promover atividades como palestras, filmes, teatros para conscientizar os estudantes. Orientar e trabalhar junto aos pais e a comunidade.

4. CONCLUSÃO

Conseguimos com nossa pesquisa perceber, através de questionários respondidos por alunos, professores e funcionários, que as diversas formas de manifestações de violências estão presentes no contexto escolar estudado.

A maioria dos alunos afirmaram ter sofrido situações de violência na escola, muitas delas com características de *bullying*, sendo o caso mais aterrorizante o relato do episódio divulgado na mídia, ocorrido no final de 2009, entre alunos portando arma branca.

As pesquisas apontam que tanto o contexto escolar quanto familiar têm uma relação com os comportamentos agressivos das crianças e adolescentes na escola. Quando eles vivem em famílias bem estruturadas e estudam em ambientes, onde predomina o respeito, o diálogo, a amizade e o amor, tendem a assimilar as atitudes dos adultos.

Dessa maneira, nosso estudo revelou, através dos dados obtidos pelo relato da equipe pedagógica, a importância de adotar medidas que reduzam os atos violentos no contexto escolar. Ou seja, os professores devem discutir o fenômeno da violência escolar na aula, proporcionar momentos de reflexão e de interações positivas entre os jovens, que os ajudarão a resolver os seus conflitos, através do diálogo.

Os alunos devem ter a oportunidade de apresentar o que entenderam em forma de teatro, músicas, paródias. Também seria interessante trabalhar o referido tema junto a comunidade e aos pais, nas reuniões pedagógicas.

Enfim, deve a escola promover ações educativas e culturais, abordando o tema como contribuição para a promoção de uma cultura da paz.

5. Bibliografia

- BEAUDOIN, Marie-Nathalie. **Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola/** Marie-Nathalie, Maureen Taylor; tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006. 232p.
- CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da Amizade – bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores.** São Paulo: Editora Gente, 2008.
- FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz,** Editora Verus, 2005, Campinas, SP, 224p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 47 edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.
- FRELLER, Cintia Capit. **Histórias de Indisciplina escolar: o trabalho de um psicólogo numa perspectiva Winnicottiana.** São Paulo: casa do psicólogo, 2001.
- LIMA, Justino Alves. **Comunidades Carentes, Lugares da não Informação.** Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2006.
- SANTANA, Marcos A. de A e CAMPOS, Antonio Carlos. **Duas cidades e só município.** São Cristóvão: Curso de Gestão Urbana e Planejamento Municipal, UFS, 2009. (monografia em desenvolvimento).
- SILVA, Ana Beatriz B. **Bulling: mentes perigosas nas escolas.** Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 2010, 188p.
- TAMBOSI, Evilázio. **Limites como Fundamento da personalidade e da disciplina.** In Virtus – Revista Científica em Psicopedagogia, Unisul – Universidade do Sul de Santa Catarina. Editora Unisul, Tubarão, SC, 2002, V.2, n.1, pp.267-281.

Notas:

¹ Pesquisa elaborada como requisito a titulação de especialista em Escola e Comunidade sob a orientação da Profª MSc. Fátima Bezerra Negromonte.

²Graduada em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe.